

Refletindo nas nuvens: interpretações, criações e aprendizagens em Soprando nas nuvens, de Daniel Wolff

*Reflecting on interpretations,
crations and learning with Daniel Wolff's
Soprando nas nuvens*

CLÁUDIA SCHREINER*

Artigo completo submetido a 4 de janeiro de 2018 e aprovado a 17 janeiro 2018

*Brasil, flautista (flauta doce, flauta transversa e traverso barroco), professora.

AFILIAÇÃO: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Porto Alegre, R. Cel. Vicente, 281 — Centro Histórico, Porto Alegre — RS, 90030-040, Brasil. E-mail: claudia.schreiner@gmail.com

Resumo: Soprando nas nuvens é um conjunto de peças didáticas para flautas doces, compostas por Daniel Wolff a partir de sugestões de composição contemplando aspectos técnicos e musicais relacionados ao aprendizado de flauta doce. Daniel teve que interpretar a lista de sugestões. Como professora e intérprete, pude explorar e observar os processos interpretativos das peças pelos alunos. Como professora, pude verificar as aprendizagens em sala de aula. A experiência convida a uma reflexão sobre os conceitos de “peça didática” e “obra artística”.

Palavras chave: Interpretação musical / educação musical / didática.

Abstract: *Soprando nas nuvens is a series of didactical pieces written for recorders by Daniel Wolff from a list of compositional suggestions beholding technical and musical aspects related to the learning of the instrument. Daniel had to interpret the suggestions. As a teacher and musician I've explored and observed the interpretative processes by the students. As a teacher, I've noticed the learning experiences in the classroom. All the experience invites us to reflect upon our concepts of “didactical pieces” and “work of art.”*

Keywords: *Musical interpretation / musical education / didactics.*

Introdução

Daniel Wolff é violonista, professor, compositor e arranjador. Nascido e residente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, é professor de violão na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como instrumentista e professor convidado em diversos países da Europa e América, em turnês individuais, de música de câmara, junto a orquestras, em festivais e universidades diversas. Como compositor e arranjador, escreve para formações diversas, incluindo música de câmara e música para orquestra, bem como composições e arranjos de canções populares (<http://www.danielwolff.com.br/sobre.htm>). Para flauta doce, além de Soprando nas nuvens, escreveu *Flautata doce*, para quarteto de flautas doces, dedicada "às flautistas da minha terra".

Soprando nas nuvens (doravante SN) é um conjunto de peças para flauta doce, compostas para o projeto Novas músicas para novos flautistas, em que compositores foram convidados a escrever pequenas peças para flauta doce ou transversa a partir de uma lista de sugestões de composição que visavam contemplar aspectos técnicos e musicais relacionados ao aprendizado destes instrumentos.

A obra pode ser situada nos contextos de obras de Daniel, de peças encomendadas e colaborações compositor/intérprete, de peças didáticas e do repertório contemporâneo para flauta doce no Brasil.

Na obra de Daniel, colaborações com intérpretes e encomendas de composições e arranjos são comuns, seja para os grupos em que atua, seja para grupos que solicitam seu trabalho. SN e *Flautata doce* são suas únicas peças para flauta doce. SN e os *Três pequenos estudos para clarinete* são suas únicas peças didáticas.

No repertório contemporâneo para flauta doce produzido no Brasil, SN insere-se na tradição de colaboração entre instrumentistas, professores e compositores que resulta no grande número de peças para flauta doce produzidas em Porto Alegre (ver Barros, 2010 e Carpena, 2014). Porém, este repertório é formado majoritariamente por peças para o flautista profissional.

No repertório didático para flauta doce, SN insere-se localmente na tradição de peças para alunos do Projeto Prelúdio (Programa de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul Campus Porto Alegre que oferece aulas de instrumento musical a crianças e jovens entre 5 e 17 anos). Nacionalmente, enquanto o repertório para iniciantes de flauta doce disponível em métodos e álbuns é limitado esteticamente, rítmica e tecnicamente, com predomínio de obras tonais, em compasso quaternário, com mínimas, semínimas e colcheias, na tonalidade de Dó Maior, sem uso de técnicas estendidas e consiste predominantemente de peças do folclore brasileiro e alemão, peças do período renascentista e barroco e algumas composições novas seguindo os

padrões mencionados acima (Daenecke, 2009 e Cuervo, 2009), SN apresenta tonalidades de Ré Maior, Sol Maior, Fá Maior, mi menor e o modo Sol mixolídio; acidentes ocasionais; figuras rítmicas de colcheias, semínimas, mínimas e semínimas e mínimas pontuadas; compassos 3/4, 4/4, 2/4, 6/8, 7/8 e 2/2; trechos falados, trechos cantados e trechos com batidas de pé no chão.

Como um dos objetivos do projeto Novas músicas para novos flautistas era a criação de repertório para iniciantes de flauta doce e transversa mais rico em estilos, organizações tonais, ritmos e técnicas, mantendo nível técnico e musical adequado a principiantes, enviei aos compositores participantes uma lista de ideias e recomendações para composição: “ideias gerais” — mais amplas, como sugestões de formação, extensão ou tessitura da peça; e “blocos de recomendações específicas”- solicitações específicas para contextos em sala de aula e/ou objetivos específicos (como aprender um determinado dedilhado, por exemplo). Cada compositor deveria escolher as sugestões que utilizaria, se e como as combinaria entre si e como as utilizaria nas suas peças.

1. *Soprando nas nuvens*

SN são 10 peças a uma, duas e quatro vozes, com variações entre flauta doce soprano, tenor e contralto, intercambiáveis entre si. Cada peça tem de 9 a 35 compassos. Podem ser tocadas na sequência ou separadamente. Foram compostas em julho e agosto de 2016, durante voos no Brasil e nos Estados Unidos, conforme relato do autor.

Os seguintes aspectos presentes nas peças refletem sugestões da lista de ideias e recomendações:

- os conjuntos de notas mi, ré e fá# da primeira 8a da flauta doce, em SN I e II (Figura 1); os saltos de 8a de mi e sol, em SN VIII; as combinações de notas mi e ré e mi e ré# da primeira 8a em SN IX; a sequência de notas ré, dó, fá da primeira 8a, acrescida de outras notas, em SN VI.
- as tonalidades de Ré Maior (SN II), Sol Maior com extensão de sol a ré da primeira 8a (SN III e IV).
- notas alteradas (SN VIII, IX e X)
- percussão corporal (SN I) (Figura 1)
- voz (SN V e VI)
- troca de compasso mantendo unidade de tempo (SN V e VI)
- troca de compasso mantendo unidade de tempo; (SN V e VI)
- compassos 3/4, 4/4, 2/4, 6/8, 7/8 e 2/2;
- cânone (SN III)
- sugestões de articulação: ligaduras e staccatos, em todas peças.

Daniel utilizou a ideia de escrever peças a duas vozes em que uma das vozes seja limitada às sugestões específicas da lista, destinada portanto aos alunos iniciantes e a outra não, destinada portanto à professora ou a um aluno mais avançado (Figura 1).

Além da voz livre das especificações, Daniel acrescentou notas em *SN VI*, determinou o uso de voz falada e cantada e a percussão corporal como batidas de pé no chão.

A intenção didática do compositor, explícita no subtítulo da série, “peças didáticas para flauta doce” foi perceptível nos nossos contatos. Daniel fez perguntas específicas sobre as minhas sugestões, das quais destaco o interesse em compreender se os conjuntos de notas eram apenas conjuntos de notas ou se deveriam ser compreendidos como uma sequência de notas e explicou pessoalmente como algumas escolhas composicionais foram pautadas por objetivos didáticos.

A voz falada em *SN V* (Figura 2) aparece “para ajudar a entender o compasso” e porque “talvez eles achem divertido ter que falar e tocar” as batidas de pé no chão em *SN I*, “para ajudar a contar as pausas” e porque “poderia ser divertido” e *SN X* propositalmente reúne os aspectos que foram trabalhados anteriormente, para o caso de se usar a série progressivamente.

Assim, é possível pensar que as indicações de andamento/caráter para cada peça (*Moderatto, Allegretto, Andante, Allegro ma non troppo, Tempo giusto, Andantino* e *Allegro giocoso*) tenham a intenção de apresentar estes termos.

Trabalhei com as peças de *SN* com alunos de flauta doce e de flauta transversa do curso de Instrumento Musical do Projeto Prelúdio, entre setembro de 2016 e dezembro de 2017. Os alunos tinham de 8 a 15 anos e tinham aulas individuais ou em grupos de até 4 alunos.

2. Aprendendo nas nuvens

O trabalho com as peças proporcionou a aprendizagem e aperfeiçoamento de aspectos técnicos e teóricos específicos conforme o esperado e planejado na elaboração das sugestões para composição: dedilhados e movimentos dos dedos, articulações, fórmulas de compasso e ritmos específicos.

Proporcionou também, ainda que não fossem objetivos iniciais, a previsível aprendizagem de notação musical (notas, figuras rítmicas, acidentes, pausas e sinais gráficos de articulação) e indicações de andamento e caráter, bem como possibilidade de prática de leitura ou revisão dos aspectos técnicos abordados.

A percussão corporal, no caso das batidas de pé no chão em *SN I* auxiliou na reorganização corporal de um aluno que, ao bater o pé no chão, desestabilizou

I. Para treinar o dedilhado do fá sustenido
Moderato

PROFESSOR

Flauta contralto

ALUNO

Flauta tenor

(Também pode ser tocado em flauta doce soprano)

8

Con.

Ten.

Bater o pé

15

Con.

Ten.

Bater o pé

V. Para treinar dedilhado de ré maior e compasso de 6/8 e 7/8 (3+4 e 4+3)
Também pode ser tocado em 2 flautas soprano ou 2 flautas tenor
Tempo giusto

(4+3)

Flauta soprano

Constar em voz alta

Flauta tenor

1 2 3 1 2 3 1 1 1 2 3 1 2 3 1 1

6

Sop.

Ten.

Constar em voz alta

(3+4)

1 2 3 4 1 2 3 1 2 3 4 1 1 2 3 1 2 3 4

11

Sop.

Ten.

1 2 3 1 2 3 4 1 2 3 1 1 2 3 1 2 3 1

Figura 1 · Daniel Wolff, *Soprando nas nuvens I*.

Figura 2 · Daniel Wolff, *Soprando nas nuvens V*, c. 1-15.

completamente o seu padrão de organização corporal pouco saudável e, a partir daí, encontrou espontaneamente uma nova organização.

3. Interpretando nas nuvens

O processo interpretativo de *SN* torna-se interessante do ponto de vista didático no sentido de que os aprendizes de um instrumento devem aprender a interpretar, e do ponto de vista artístico, no sentido da constatação de que os aprendizes de um instrumento já são intérpretes, ainda que sob orientação de um professor.

Dentre as escolhas interpretativas observadas, cito as considerações sobre indicações de andamento, as experimentações e a escolha de andamentos finais; o aprendizado, o refinamento, as experimentações e as escolhas das articulações específicas para cada peça, ainda que grafadas estivessem apenas ligaduras e staccatos; as considerações e conversas sobre o caráter, as tentativas de tocar com pequenas variações de andamento, sonoridade e articulação até encontrar o caráter adequado da peça; as opiniões estéticas e as relações com outros estilos musicais, verbalizados em comentários como “que fofa essa música!” (*SN III*), “parece música de videogame!” (*SN VIII*), “parece assim uma dancinha” (*SN I*) e “parece aquelas músicas de goblins, aquelas danças da Idade Média” (*SN I*).

As escolhas interpretativas são importantes porque são compreendidas como parte da interpretação. Levinson (1993) e Hermerén (1993), argumentam que o intérprete, ao construir a sua ideia de como uma obra deve soar, faz escolhas interpretativas: dinâmica, andamento, caráter, intenção, dentre outros.

Também são importantes porque mostram profundidade de interpretação da partitura.

Goodman explica que cada *performance* apresenta nuances finas de dinâmicas, alturas, andamentos e durações, dentre outros, que não podem ser indicadas com precisão na partitura e, portanto são determinadas a partir de “instruções suplementares”. Estas podem vir impressas junto à partitura, ser determinadas tacitamente pela tradição, pela orientação do professor ou do maestro, etc. (cf. Raffman 1993: 218-219).

Kuehn presume “que o verbo latino *interpretare* tenha a sua origem na expressão *inter petras*, que significa algo como “entre-pedras” e que “interpretar” corresponde à tarefa de trazer à luz não apenas o que está escrito, mas também (ou principalmente) o que está entre as indicações grafadas em letras, notas, sinais ou signos, isto é, nas entrelinhas” (Kuehn 2010: 748).

Por outro lado, Hermerén (1993) e Levinson (1998) citam as possibilidades e problemas interpretativos de uma obra musical como critério de qualidade. Então, se os alunos mostraram-se bons intérpretes, *SN* mostrou-se boa obra.

III. Canon para treinar dedilhado de sói maior (opcional: testar articulações diferentes)
Andante

Figura 3 · Daniel Wolff, *Soprando nas nuvens III*.

Figura 4 · Letra de Giuliana Rehbein Vieira para *Soprando nas nuvens III*, de Daniel Wolff.

A verbalização das opiniões estéticas e das relações com outros estilos musicais é relevante porque descrições e estabelecimento de relações garantem que houve compreensão da música e que portanto a execução não é mera imitação (Sibley, 1993: 174).

Encerro estes relatos narrando um episódio durante o trabalho com *SN III* (Figura 3). Na tentativa de uma execução mais delicada, cantabile e no caráter da peça, falei “é quase assim flutuando nas nuvens”. Os alunos responderam “pior, parece mesmo, um passarinho assim” e começaram a cantar a música movimentando os braços como se fossem asas. Ainda pensando e construindo relações, acrescentei “parece música de natal também”. E a resposta veio com uma aluna cantando a melodia da peça com a letra “hora de cantar junto aos sininhos e também jantar junto com os anjinhos (Figura 4).

Essa criação da letra faz parte do processo interpretativo? É uma recriação de *SN III*? É uma criação coletiva a partir de *SN III*?

Conclusão

Ao discutir critérios determinantes do valor de uma obra musical, podemos citar, dentre outros, o “prazer para *performers* ao lidar com suas dificuldades”, a possibilidade de “diferentes interpretações de *performance* em *performance*,” a existência de “melodia atraente, ritmo interessante, expressão intensa, timbres agradáveis, harmonia inventiva, forma inteligível” (Levinson, 1998: 98) e confiar na “intuição de que o valor artístico é uma função do valor da experiência que oferece” (Levinson, 1998: 99). Podemos concluir então que *SN* é uma obra de valor artístico e musical.

Ainda que a literatura discutindo o conceito de material didático com profundidade seja escassa (Vilaça, 2009), parece haver convergência para a compreensão de “material didático como meio e como recurso” (Oliveira, 2007: 80), cuja “função básica [...] é auxiliar o processo de ensino/aprendizagem” (Vilaça, 2009: 7). Seu uso e metodologia de uso necessariamente dependerá da ação do professor (Oliveira: 2007) e “embora não seja possível definir um sentido único para auxiliar, o emprego da palavra parece indicar que os materiais didáticos devem contribuir de formas variadas para que a aprendizagem seja bem-sucedida e, se possível, rápida, prazerosa e significativa.” (Vilaça, 2009: 7).

Deste modo, qualquer peça musical que proporcione a aprendizagem de algum aspecto relacionado à aprendizagem de um instrumento poderá ser uma peça didática e qualquer peça musical poderá ser uma peça didática se utilizada adequadamente em sala de aula.

Contudo, parece-me que quando a obra é didática e artística temos experiências mais ricas e de mais qualidade, bem como fronteiras mais fluidas entre a atividade artística de “aprendizes” e “profissionais”, o que me parece desejável posto que estamos sempre todos aprendendo. Que *SN* siga provocando reflexões, aprendizagens e interpretações.

Referências

- Barros, Danele Cruz (2010) *A flauta doce no século XX: o exemplo do Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE. ISBN 8573157879.
- Carpina, Lucia Becker. (2014) *Prata da casa: obras para flauta doce escritas por compositores ligados à UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS.
- Cuervo, Luciane da Costa (2009) *A musicalidade na performance com a flauta doce*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil [Consult. 2017-10-18] Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15663/000687332.pdf>
- Daenecke, Elaine Maritha (2009) *Métodos para flauta doce: uma bibliografia comentada* (monografia de graduação não publicada). Disponível em Universidade Federal Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.
- Hermerén, Göran (1993) “The full voic’ d quire: types of interpretations of music.” Michael Krausz (org.), *The interpretation of music: philosophical essays*. Oxford: Oxford University Press. ISBN 0-19-823550-X: 9-31.
- Kuehn, Frank Michael Carlos (2010) “Reprodução, interpretação ou performance? Acerca da noção de prática musical na tradição clássico-tomântica vienense.” I Simpósio de pós-graduandos em música (SIMPOM), Rio de Janeiro, 8-10 de novembro de 2010. *Anais*. [Consult. 2018-01-2] Disponível em <http://www4.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010-FrankKuehn.pdf>
- Levinson, Jerrold (1993) “Performative vs. critical interpretation of music.” Michael Krausz (org), *The interpretation of music: philosophical essays*. Oxford: Oxford University Press. ISBN 0-19-823550-X: 33-60.
- Levinson, Jerrold (1993) “Evaluating Music.” Philip Alperson (ed.), *Musical Worlds: New Directions in the Philosophy of Music*; Pennsylvania: Penn State University Press. ISBN 0271017694: 94-107
- Oliveira, Fernanda de Assis (2007) “Materiais didáticos nas aulas de música do ensino fundamental: um mapeamento das concepções dos professores de música da rede municipal de ensino de Porto Alegre.” *Revista da ABEM*. ISSN 2358-033X e 1518-2630. Vol. 17: 77-85 [Consult. 2017-12-27] Disponível em <http://www.abemeducaacomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/283/213>
- Raffmann, Diana (1993) “Goodman, Density, and the Limits of Sense Perception.” Michael Krausz (org), *The interpretation of music: philosophical essays*. Oxford: Oxford University Press. ISBN 0-19-823550-X: 215-227.
- Frank Sibley (1993) “Making music our own.” Michael Krausz (org), *The interpretation of music: philosophical essays*. Oxford: Oxford University Press. ISBN 0-19-823550-X: 165-176
- Vilaça, Márcio Luiz Corrêa (2009) “O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis.” *Revista eletrônica do Instituto de Humanidades*. ISSN 1678-3182: Vol. 7, 30: 1-14 [Consult. 2017-12-28] Disponível em <http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/653/538>